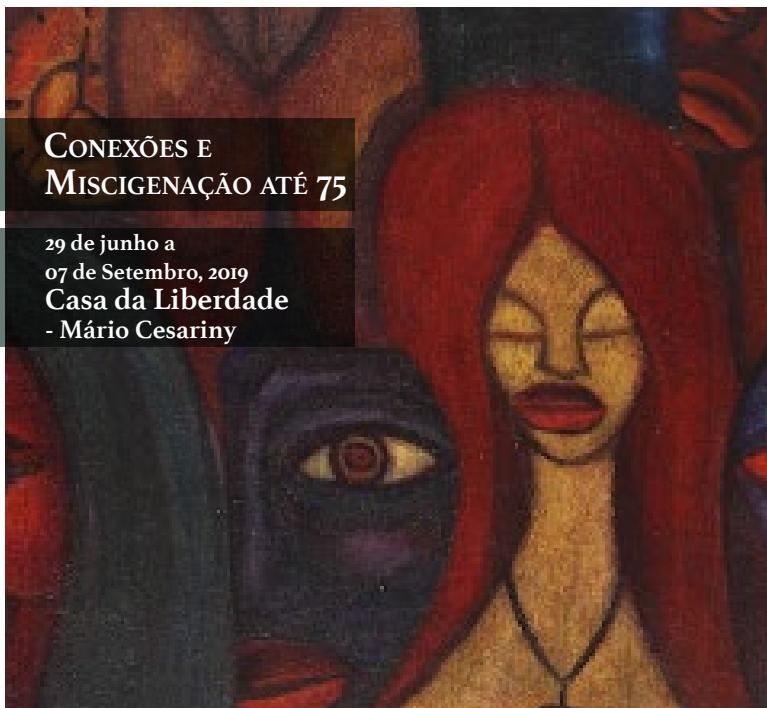


Os Surrealistas

*CICLO DE CELEBRAÇÃO DOS 70 ANOS DA
1^a EXPOSIÇÃO EM PORTUGAL*

**CONEXÕES E
MISCIGENAÇÃO ATÉ 75**

29 de junho a
07 de Setembro, 2019
Casa da Liberdade
- Mário Cesariny



Curadoria:
Carlos Cabral Nunes



1^a Exposição de "Os Surrealistas", Sala de Projeções da Pathé-Baby, Junho de 1949. (Da esquerda para a direira: Henrique Risques Pereira, Mário Henrique Leria, António Maria Lisboa, Pedro Oom, Mário Cesariny, Cruzeiro Seixas, Carlos Eurico da Costa e Fernando Alves dos Santos. Ausentes: António Paulo Tomaz, Carlos Calvet, Fernando José Francisco e João Artur da Silva.

Reviver “Os Surrealistas” em Lisboa, 70 anos depois!

“Construir o Nada Perfeito” é o título desta exposição antológica de tributo a Cruzeiro Seixas. Título, aliás, dado pelo próprio artista, descrevendo-o como sendo o que procurou sempre fazer, ao longo da sua longa e intensa vida. O destaque dado a esta personalidade maior do movimento surrealista português, a par com Cesariny e demais companheiros de aventura Surrealista, é tanto mais justificado por se tratar do derradeiro mentor de OS SURREALISTAS ainda em atividade, ao cabo de quase 99 anos de idade.

Esta e outras três mostras ocorrem por ocasião do ciclo de Celebração dos 70 anos da 1^a exposição de OS SURREALISTAS, anti-grupo fundado por Cruzeiro Seixas, Mário Cesariny e restantes companheiros d'aventura Surrealista: Pedro Oom, Henrique Risques Pereira, António Maria Lisboa, Mário Henrique Leria, Fernando José Francisco, Carlos Eurico da Costa, Carlos Calvet, Fernando Alves dos Santos, António Paulo Tomaz, João Artur da Silva. Pela sua mão, em junho de 1949, deu-se em Lisboa uma espécie de revolução quase secreta que o país, só mais tarde, veio a reconhecer e a adotar. É esse ato inaugural da modernidade que influenciou sucessivas gerações de autores, que se evoca e se recorda neste ciclo, em diferentes locais da capital.

A célebre exposição que teve lugar na sala de projecções da Pathé Baby, junto à Sé de Lisboa, é evocada no núcleo “Surrealismo em 1949” que se mostra na Perve Galeria, em Alfama, a partir do dia 29. No mesmo dia, na Casa da Liberdade - Mário Cesariny, apresentam-se na exposição “Conexões e Miscigenação”, obras realizadas até 1975, que denotam a influência de OS SURREALISTAS num conjunto alargado de autores dos países de Língua

Portuguesa. Essa influência teve um protagonista maior: Artur do Cruzeiro Seixas, que rumou a África em 1952 para se fixar em Angola até 1964, aí realizando várias exposições marcantes.

Finalmente, inaugurarão no dia 2 de julho, na Galeria aPGn2 - A PiGeon too, em Alcântara, a mostra “Global(ismo)”, que reúne obras realizadas a partir do ano 2000, por artistas internacionais e dos PALOP, numa perspetiva de homenagear OS SURREALISTAS e de colocar em evidência os múltiplos caminhos que este movimento abriu e que ainda se mantém atual. O ciclo comemorativo contemplará também diversos atos performativos e outras exposições, a realizar em vários pontos do país, assim como serão apresentados filmes sobre OS SURREALISTAS e o seu percurso, entre os quais os realizados, nos anos 50 do século XX, por Carlos Calvet. Este ciclo de celebração tem a curadoria de Carlos Cabral Nunes e é organizado pelo Colectivo Multimédia Perve, associação de arte e cultura, sem fins lucrativos, fundada em 1997.

Entrevista a Cruzeiro Seixas, conduzida e realizada por Carlos Cabral Nunes, assistido por Mariana Guerra. Junho de 2019. Direitos reservados: Colectivo Multimédia Perve

CCN: Para além da questão das exposições, havia também uma outra proposta. O Mário (Cesariny) dizia: "Proposta de transformação da Sociedade".

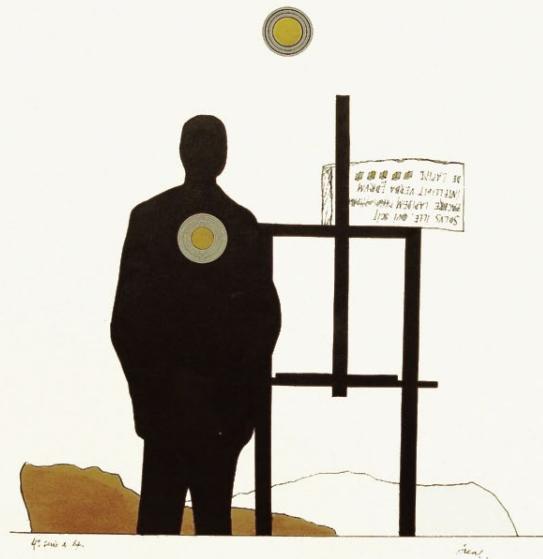
CS: Ah, mas isso... Isso é uma coisa que está a acontecer e que aconteceu com a Revolução Francesa, que aconteceu também com a Implantação da República em Portugal, que aconteceu com os novos regimes como tem acontecido em Inglaterra, e na América, sendo que cada presidente faz uma nova América. Quer dizer que tudo isto realmente são situações que vão acontecendo, e que coisas muito brilhantes resultaram disso tudo? Resultaram realmente coisas muito esquisitas. Mas coisas que sejam grandiosas, aquilo que a humanidade precisava, está muito longe de acontecer. Da Revolução Francesa o que é que nos ficou? Do Comunismo na Rússia o que é que nos ficou? De todas esses grandes acontecimentos; do assassino da família real, daquilo o é que nos ficou? Quer dizer, umas tontices, bater com a cabeça nas paredes, não sei quantos, e pouco mais...

(...)

1/3



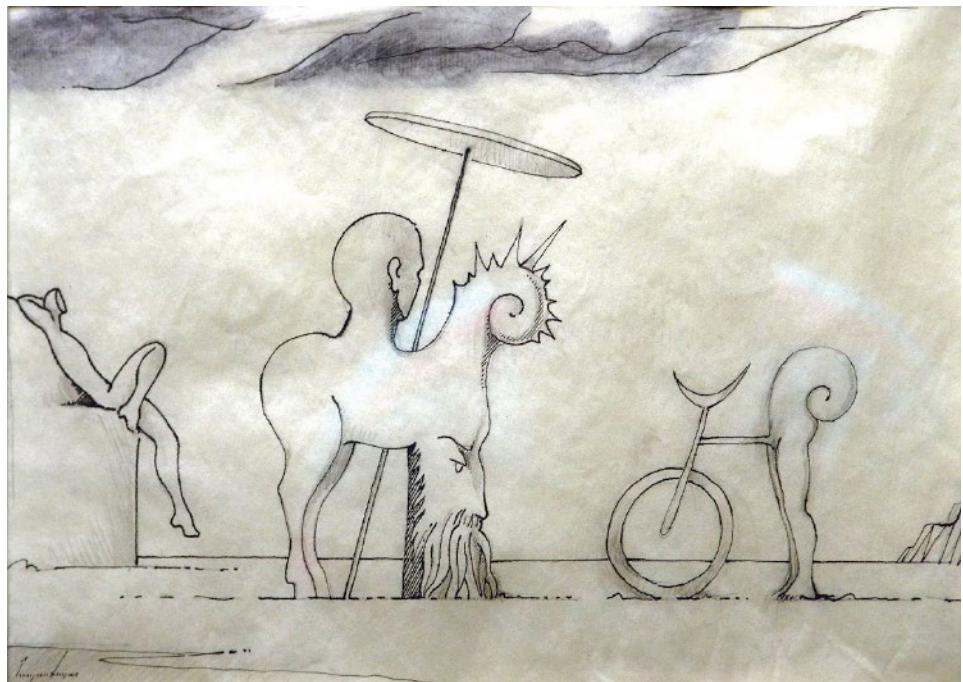
António Quadros
Torcionário depondo troféus no altar da pátria, 1974
Aquarela sobre papel, 56x71 cm



Areal
Sem Título, 1967
Mista sobre papel, 65x47 cm



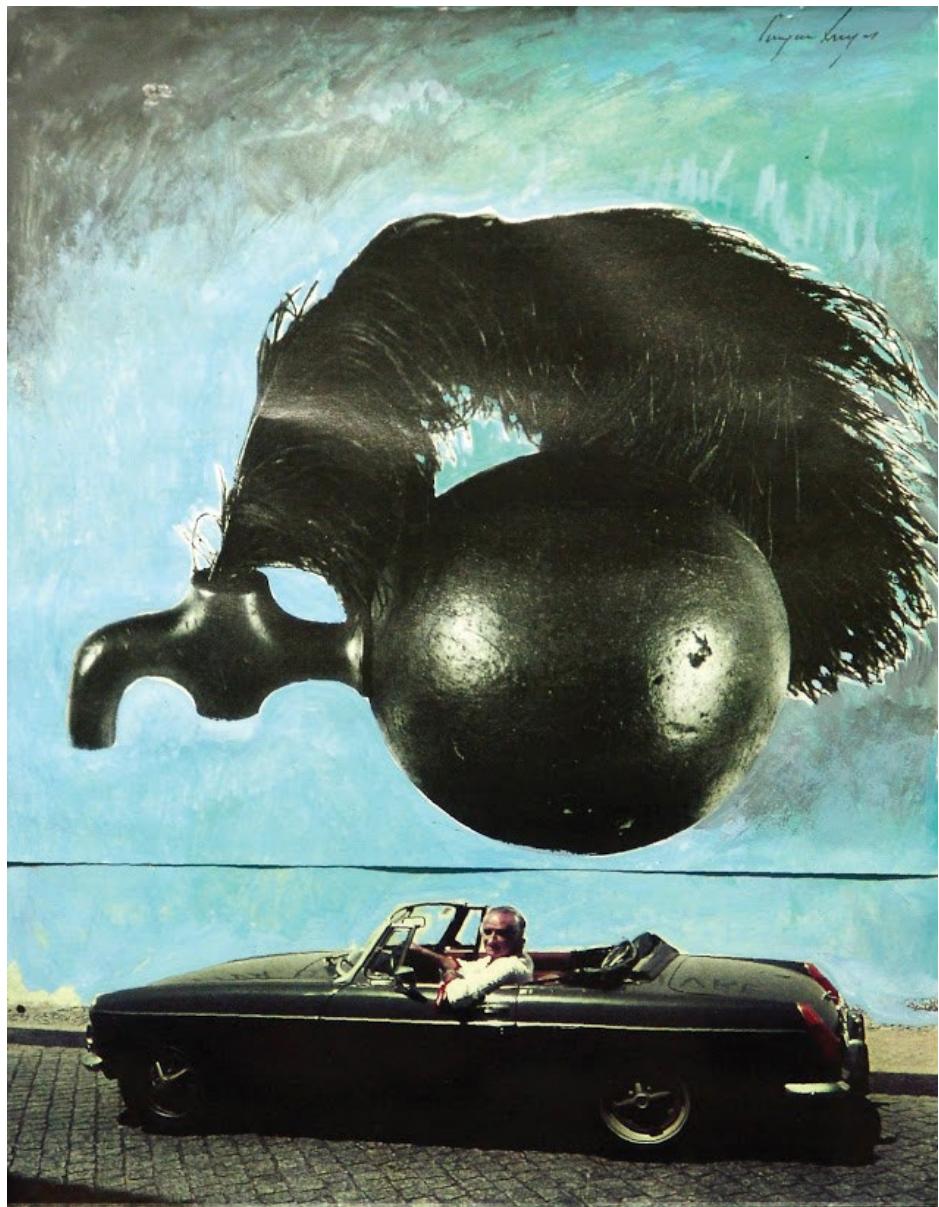
Artur Bual
Sem Título, 1955
Tinta da china sobre papel, 17 x 22 cm



Cruzeiro Seixas
Sem título; 1971
Técnica mista s/ papel, 20x30 cm



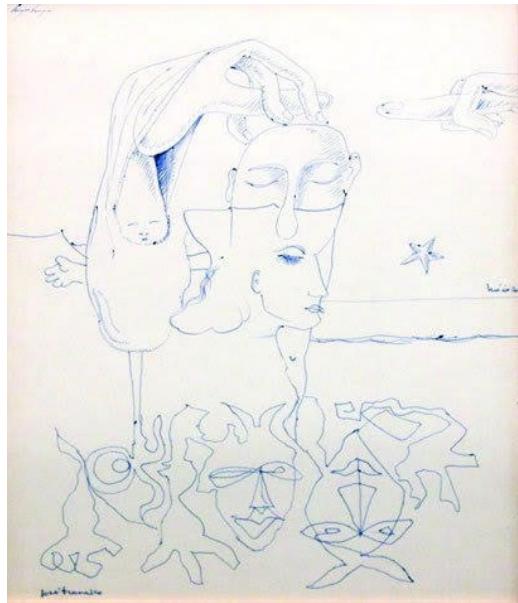
Cruzeiro Seixas
Sem título, n.d.
Assemblage sobre papel, 27 x 37 cm



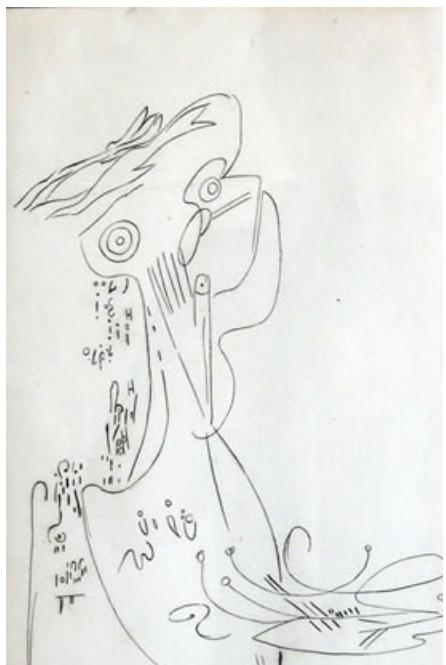
Cruzeiro Seixas

Os meus dois automóveis, 1974

Têmpera sobre fotografia realizada por Mário Botas, 18x24 cm



Cruzeiro Seixas |
Cesariny |
Fernando José Francisco
Cadavre-Exquis, 2006
Técnica mista sobre papel, 25,5x35,5 cm



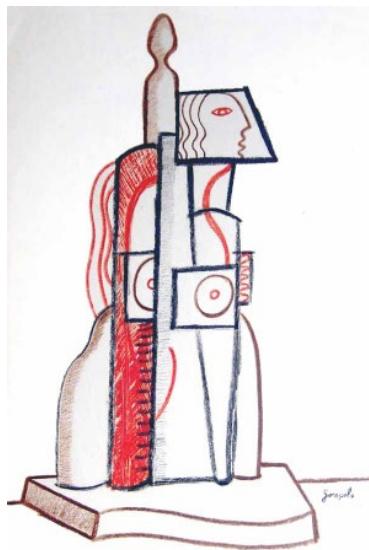
Eurico Gonçalves
Fantasma. Homenagem a Cesariny, 1959
Tinta da china sobre papel, 33x22 cm



Fernando Lemos
Intimités, 1950/1998
Impressão em gelatina e prata com viragem a selénio.
Vintage Print, 20x20 cm



Figueiredo Sobral
Mulher ao Espelho, n.d.
Escultura em metal prateado, 40 x 20 x 10 cm



Gonçalo Duarte
Sem Título, n.d.
Técnica mista s/ papel, 30x21cm



Hein Semke
Máscara em cerâmica, 1953
Cerâmica Vidrada, 28 x 20 cm



Isabel Meyrelles
O Voo da Árvore, 1976
Terracota envernizada, 33x22x9 cm

ENTRETANTO
dez séculos mais tarde no local do drama
O DIABO
DIANTE DO SEU FORNO
levanta por instantes seus doces olhos
para quatro mil coda-falsos
VEDE!
MAIS ALÉM O BOM ARTÍFICE
mostrando
ANJOS
ou bateís
AINDA UMA CANÇÃO
se gostais de
BELAS TORTURAS
NÃO OUVIREIS NADA

ANTÓNIO JOSÉ FORTE



J. Rodrigues

João Rodrigues | António José Forte

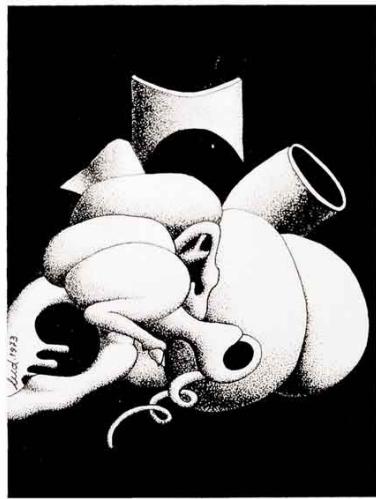
Entretanto, Cadavre Exquis com poema de António José Forte e desenho de João Rodrigues, 1959
Tinta da china sobre papel, 43 x 61 cm



José Escada
Sem título - Figuras, 1953
Tinta da China sobre papel, 30 x 20 cm



José Escada
Cravo da Liberdade - Dedicado a Mário Cesariny, 1974
Papel recortado, dimensões variáveis

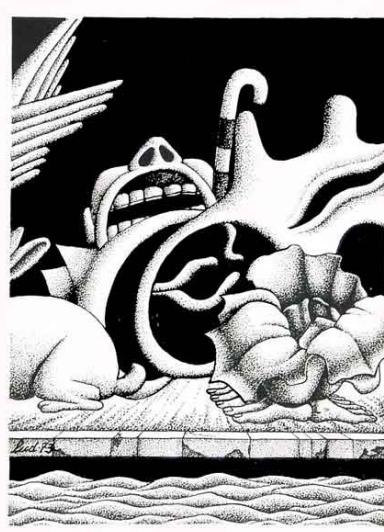


LUD

O Porquinho que dormia de costas

(Ilustração p/ conto de Pedro Oom), 1973

Tinta da- china s/ papel, 9.5x12 cm



LUD

O Coelhinho que nasceu numa couve

(Ilustração p/ conto de Pedro Oom), 1973

Tinta da China s/ papel, 13x10 cm



LUD

O Elefante de oiro - Ilustração p/ conto de

Pedro Oom, 1973

Tinta da China s/ papel, 13x10 cm



Mário Botas
Sem Título, circa anos 70
Tinta da China e aguada s/ papel, 23x16 cm



Mário Botas
Sem Título, circa anos 70
Tinta da China s/papel, 23x16 cm



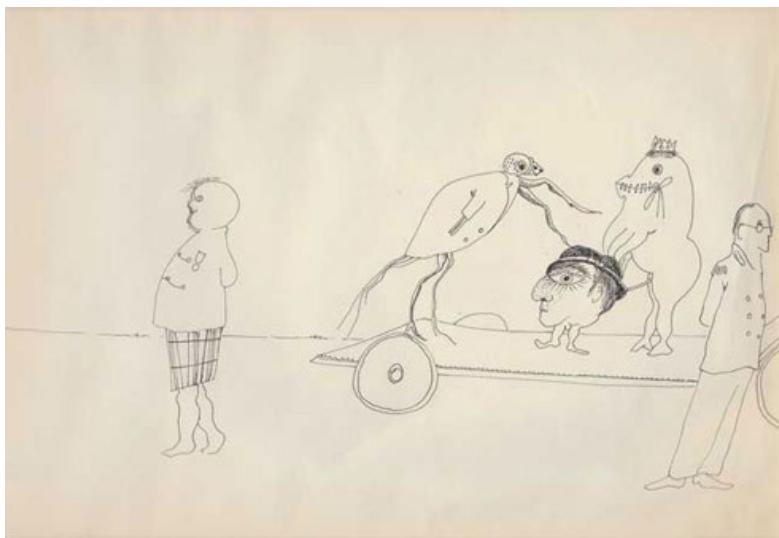
Mário Botas
Histórias de amor n° 2 - "O filho desnatado", 1975
Tinta da China e aguada s/ papel, 23x16 cm



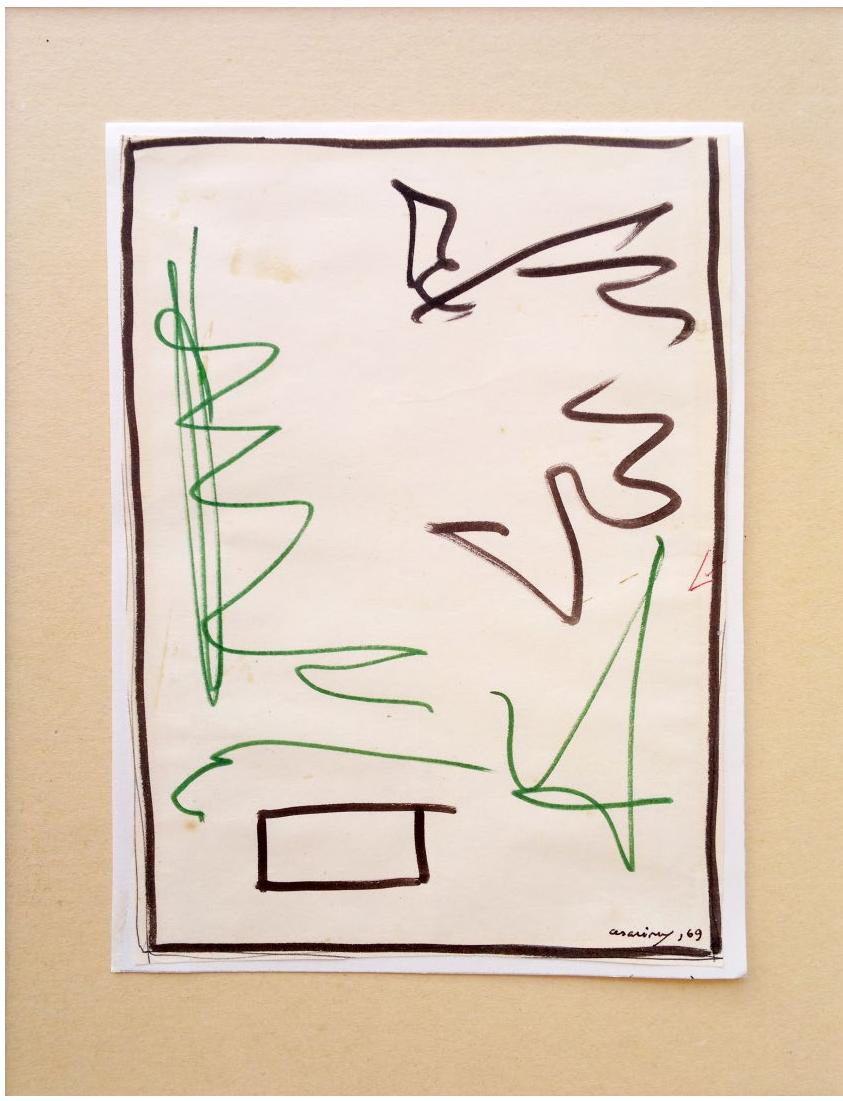
Mário Botas
La Révolution Française, circa anos 70
Tinta da China e aguada s/ papel, 23x16 cm



Mário Botas
Sem Título, 1975
Tinta da China e aguarela s/ papel, 23x16 cm



Mário Botas
Sem Título, circa anos 70
Tinta da China, 23x16 cm



Mário Cesariny
Sem Título, 1969
Caneta s/ papel, 19,5x13 cm



Mário Cesariny
Sem Título, n.d.
Técnica mista s/ papel, 23,5x29 cm



Mário Cesariny
Fernando Pessoa ocultista , 1957/81
Bronze, Prova de Autor. Realizado a partir
de original em gesso, executada por Isabel Meyrelles, sob desen-
ho (de 1957) e orientação de Mário Cesariny, 33x11x13 cm



Natália Correia

Ternura (poema), dedicado a Mário Cesariny, n.d.

Caneta e acrilico sobre papel, 43x56 cm



Pancho Guedes

Learning from Klee, 2010

Acrílica s/ tela, s/ plátex com moldura escultórica em madeira pintada, 45,1 x 60 cm



Pancho Guedes
A força do seu olhar, 1996
Óleo s/ tela, 50 x 40 cm



Pancho Guedes
Família Vegetal, 1974
Óleo s/ papel, 51 x 73 cm

(...)

CCN: E o que é que o Artur quer dizer, quando afirma “Daquilo que a humanidade de facto precisava não ficou nada”. Mas o que é que a humanidade de facto precisava?

CS: Nada não! Alguma coisa fica, mas pouco.

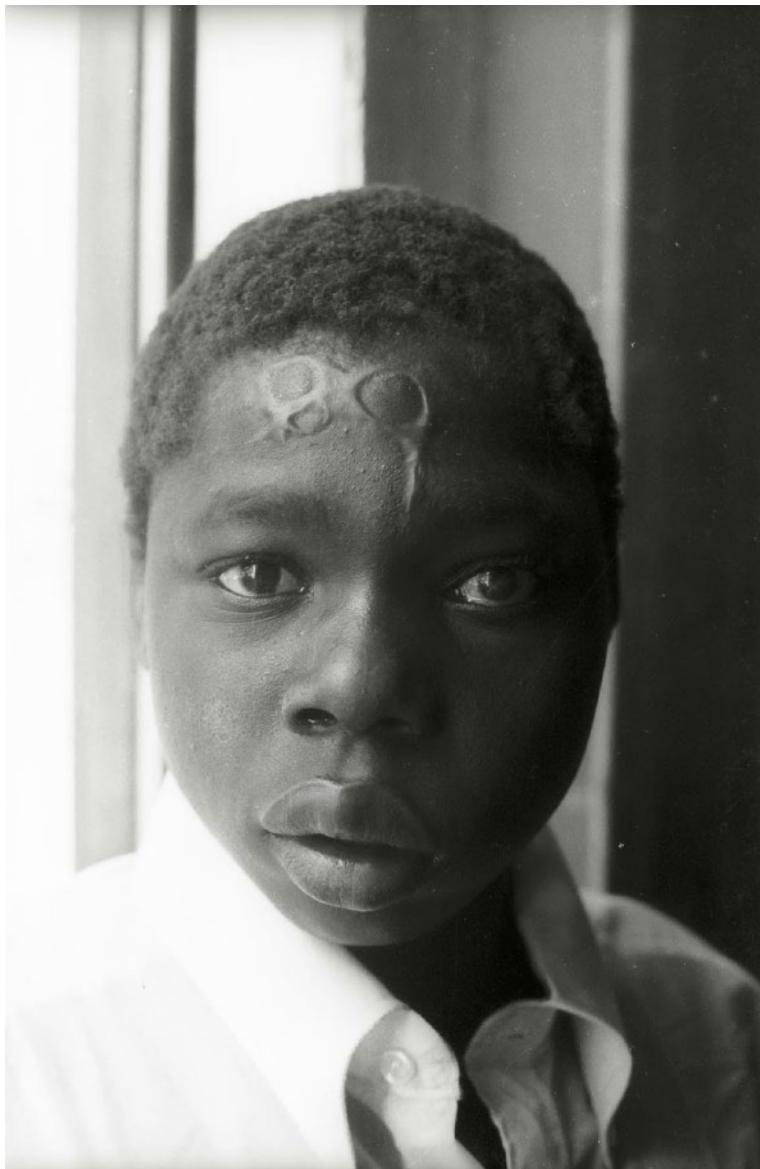
CCN: Mas o que é que precisava mesmo?

CS: Algo que você fala muitas vezes, nesse seu projeto de discurso (n. Ed. sobre a acção Artivista Cultural, realizada no dia 28 de Junho, onde foram vendadas, em Lisboa, 9 estátuas de figuras ilustres das artes e da cultura). Por exemplo: as pessoas respeitarem-se umas às outras, isto é, falando a linguagem mais fácil, pois é claro que, para além disso, há imensas dificuldades de toda a ordem, com a ciência, com os exércitos, com tudo isso; isso tudo são problemas gravíssimos a serem resolvidos. Como é que nós hoje estamos a manter exércitos em todo o mundo? Aqui em Portugal, por exemplo, como é possível que nós mantenhamos um exército?

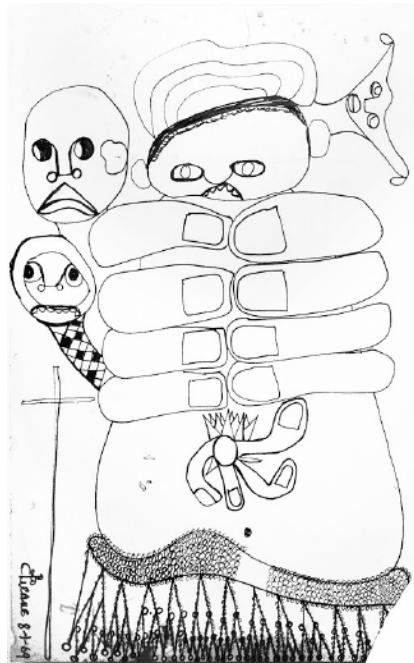
Quer dizer: não temos dinheiro para comprar uma obra de Max Ernst que representa a Soror Mariana Alcoforado, mas temos dinheiro para comprar canhões? Quer dizer: os senhores todos cheios de condecorações e muito importantes a tomarem whiskey a toda a hora julgam-se no direito de ensinar um jovem de vinte anos a matar outro jovem de vinte anos. Isto pode ser? isto é intolerável, como é possível um jovem de vinte anos matar outro jovem de vinte anos? é uma coisa incrível... E por aí fora, tudo coisas deste género.

(...)

2/3



Ricardo Rangel
A marca do colonizador, n.d.
Fotografia, 24x16 cm



Ernesto Shikhani
Sem Título, 1969
Tinta da China s/ papel, 34 x 22 cm



Ernesto Shikhani
Se Título, 1970
Tinta da China s/ papel, 46 x 32 cm



Ernesto Shikhani
Sem Título, 1968
Aquarela e Tinta da China s/ papel, 49 x 32 cm



Ernesto Shikhany
Sem Título, 1974
Tinta da China s/papel, 61x35 cm



Ernesto Shikhany
Sem Título, 1974
Tinta da China s/ papel, 63x40 cm



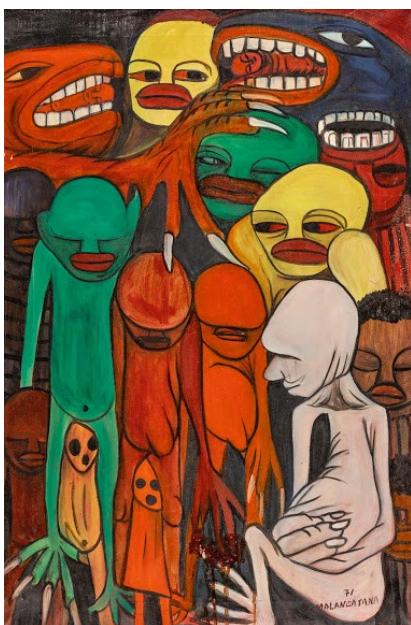
Ernesto Shikhani
Sem Título, 1979
Técnica mista s/ papel, 61 x 43 cm



Malangatana Ngwenya
Sem Título, 1963
Tinta da China sobre papel, 20x12 cm,



Malangatana Ngwenya
Guerreiros: momentos de decisão, 1968
Óleo s/ platex, 130 x 68,5 cm



Malangatana Ngwenya
Figuras Bestiais, 1971
Óleo s/ tela, 81 x 54 cm



Manuel Figueira
Criança, 1964
Tinta da China s/ papel, 40x30 cm



Manuel Figueira
Luísa, 1963
Tinta da China em papel, 31,5x22cm



Manuel Figueira

As mão erguidas em força os pés marcando a revolta, 1974

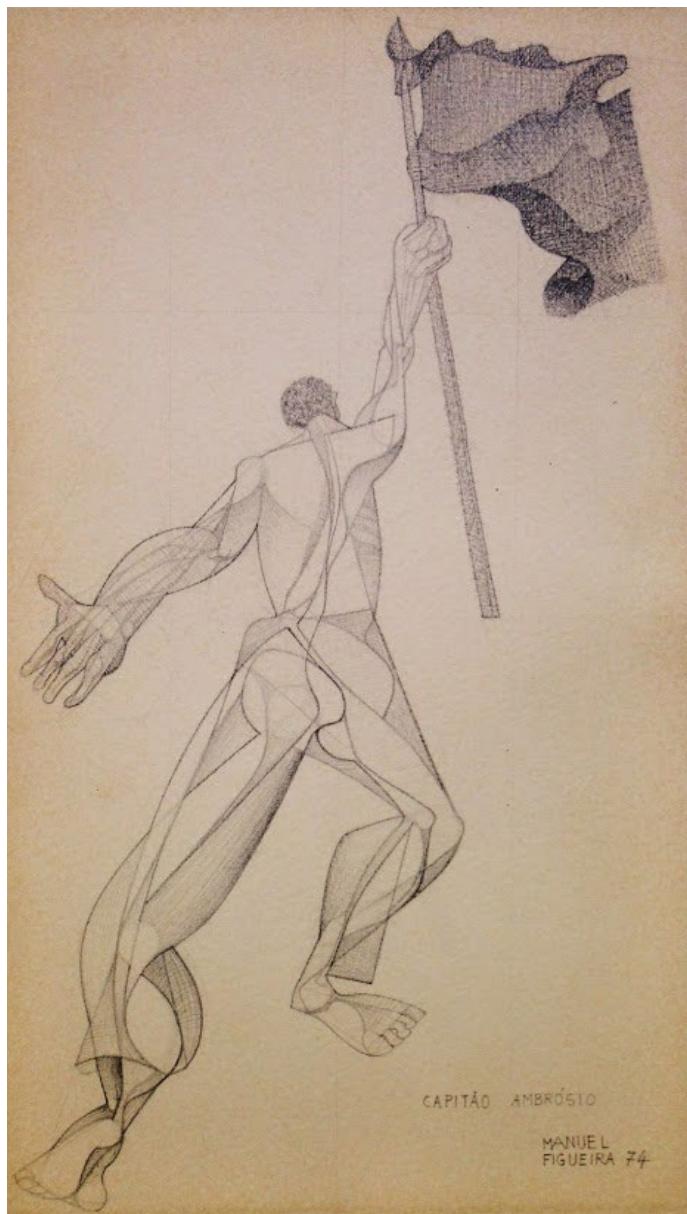
Guache s/ cartão, 15,5 x 15,5 cm cm



Manuel Figueira

Balentis di Pidijiguiti, 1974

Tinta da China s/ papel, 15 x 20 cm



Manuel Figueira
Capitão Ambrósio, 1974
Grafite s/ papel, 25 x 14 cm



Manuel Figueira
Pesando o peixe, 1978
Guache s/ papel, 24 x 22 cm



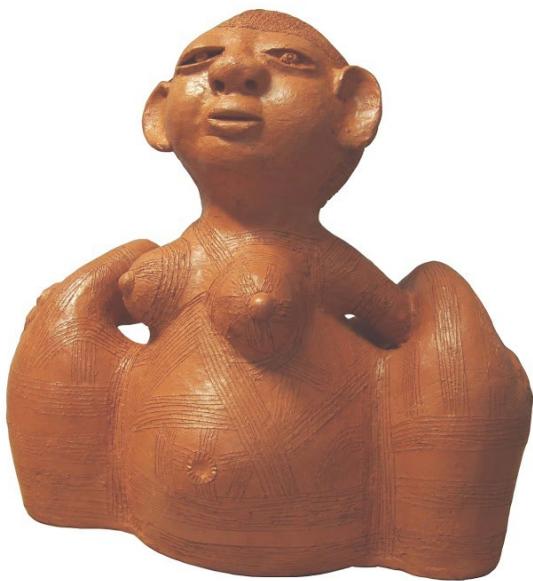
Manuel Figueira
Sem título, 1978
Guache s/ papel, 21x15 cm



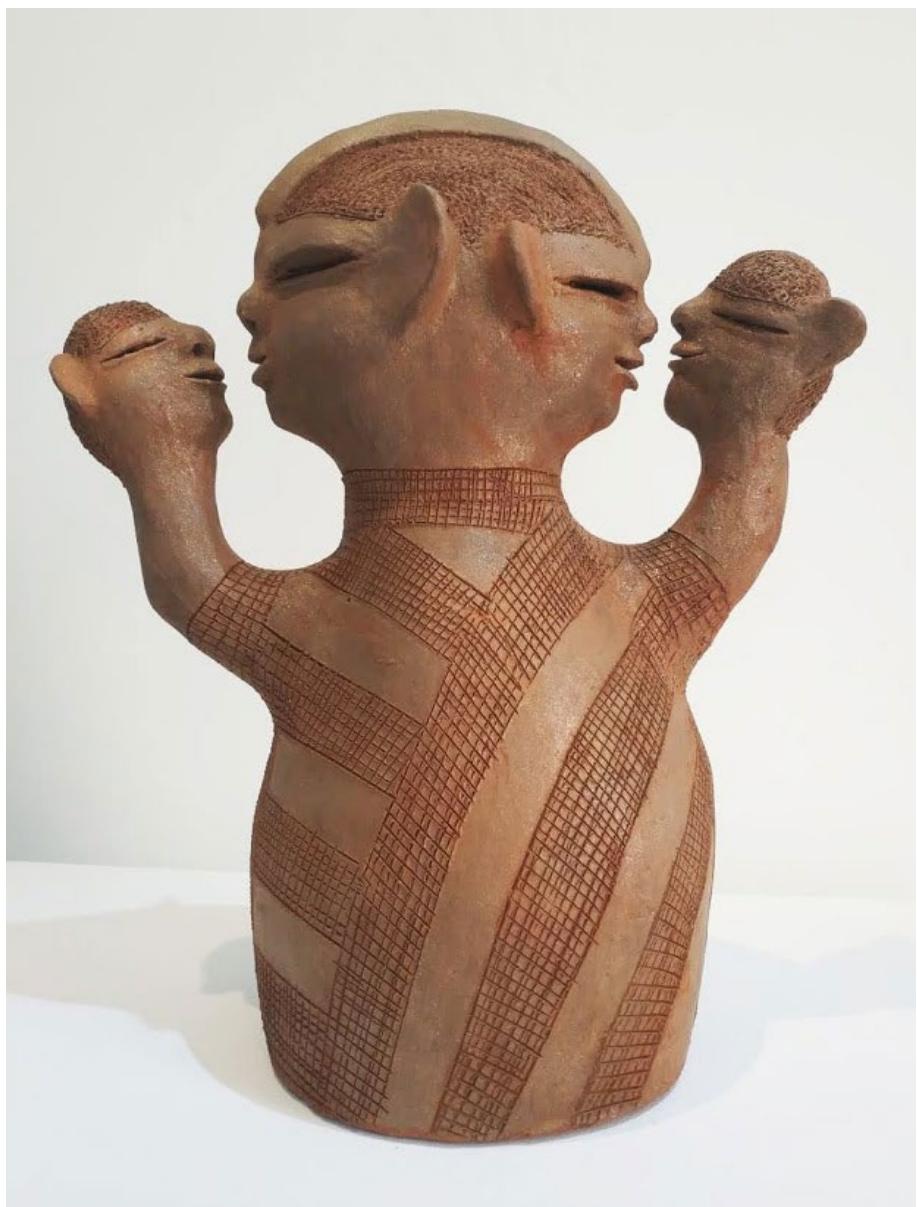
Reinata Sadimba
Sem Título, 2019
Cerâmica e grafite, 20 x 18 x 28 cm



Reinata Sadimba
Sem Título, n.d.
Cerâmica e grafite, 10,5 x 19 x 37 cm



Reinata Sadimba
Sem Título, 2006
Cerâmica, 45 x 40 x 27 cm



Reinata Sadimba
Sem Título, 2019
Cerâmica, 33 x 20 x 39 cm

(...)

CCN: E acha que a arte e a cultura têm algum papel a desempenhar nessa transformação, ou pelo contrário, também já são só um adorno. Ou o que é que podem ser, ou o que é que deviam de ser?

CS: O nome que se lhes dá, é um nome. Entre muitos nomes que se dão, como cão, como gato, como relógio, como parafuso. Agora o que é, é claro. São nomes que transcendem tudo, e isso realmente é que não se vê que aconteça. Não se vê, onde é que está realmente o resultado da cultura. Há os senhores absolutamente geniais, é o nome que se lhes dá até, são geniais. E que fazem propostas, que fazem obras, que fazem coisas extraordinárias como foi todo o Surrealismo, com gente extraordinária e honesta, sobretudo. E o que é que se vê? Continua tudo na mesma, um bocadinho mais na mesma.

Há uma palavra que eu gosto muito: é a honestidade, e isso é muito difícil de exigir aos Homens, que sejam honestos. Honestos consigo mesmos, até. E as pessoas estão a aldrabar, consigo mesmas, constantemente. Pergunto-me se isso faz parte do ser humano, ou se é uma coisa que entrou em nós com a ideia de sociedade, de sociedade organizada.

Eu não tenho o dom da palavra, tudo isto são tontices, mas são coisas que me provocam uma grande raiva e um grande mal estar.

CCN: O que é que o faria feliz, agora que está quase a caminho dos 100 anos?

CS: Ah, bom... isso de caras, é que as pessoas se intedessem umas com as outras e que não andassem a guerrilhar, mas claro, não se vê nada. Esse caminho não se vê, não se vê anunciado, não se vê realizado, não se vê sequer pronúncios dele porque os Homens não querem, por que os Homens descobrem coisas como aldrabar, que é o que eles gostam mais de fazer uns com os outros, para terem mais um automóvel, para terem mais uma amante, mais uma casa na província, mais uma casa de fim-de-semana, enfim, são “ideais” como estes que preenchem a sociedade, infelizmente.

3/3

Entrevista a Cruzeiro Seixas,
conduzida e realizada por Carlos Cabral Nunes. Junho de 2019.

FICHA TÉCNICA

conceito e curadoria

Carlos Cabral Nunes

direcção executiva

Nuno Espinho

produção / comunicação

Aurora Nunes, Mariana Guerra

João Gonçalves / Graça Rodrigues

design gráfico

CCN e Filipa B. Cruz

organização

Colectivo Multimédia Perve

Agradecimentos

Fernanda Freitas

Cláudia Magalhães

parceria e realização

aPGn2 - a PiGean too

Casa da Liberdade - Mário Cesarin

Associação Mutualista Montepio

Perve Galeria - Alfama

impressão e copyright

Perve Global - Lda.



Alberto Chissano
Sem título, 1986

Escultura em madeira, 27x12x12 cm



Catálogo e informação:
www.pervegaleria.eu

CT-83 | Junho de 2019

Edição ©® Perve Global – Lda.

Proibida a reprodução integral ou parcial deste catálogo, sem autorização expressa do editor.

Apoios:

